

ALGUMAS NOTAS SOBRE O ESTUDO INTEGRAL DA CONSCIÊNCIA

Paulo Lima Santos*

RESUMO

Num primeiro momento, visa-se contribuir para o esclarecimento dos diferentes usos e significados do termo “integral”, em particular no que se refere ao estudo integral da consciência. Num segundo momento, faz-se uma apresentação crítica do modelo integral desenvolvido por Ken Wilber, com referência às suas principais dimensões: os quadrantes, os níveis ou ondas, as linhas ou correntes, os estados de consciência e os tipos psicológicos. Faz-se uma apresentação mais detalhada dos quadrantes e sua importância para um estudo integral da consciência.

PALAVRAS-CHAVE

Estudo integral da consciência; A Grande Cadeia ou Embrulho do Ser; quadrantes, níveis/ondas/estádios de desenvolvimento; linhas/correntes; estados de consciência; tipos psicológicos

ABSTRACT

In a first moment, we aim to contribute for a better understanding of the different uses and meanings of the term “integral”, in particular with reference to the integral study of consciousness. In a second moment, we make a critical presentation of the integral model developed by Ken Wilber, with reference to its main dimensions: the quadrants, the levels or waves, the lines or streams, the states of consciousness, and the psychological types. A more detailed presentation is made of the quadrants and its importance to an integral study of consciousness.

KEYWORDS

Integral study of consciousness; The Great Chain or Nest of Being; quadrants, levels/waves/stages of development; lines/streams; states of consciousness; psychological types.

* Psicólogo; membro-fundador do CTEC.

“Tudo pode ser imitado sobre a terra, à exceção da verdade. Porque uma cópia da verdade já não é a verdade.”

Rabi Mendel de Kotzk (in Martin Buber, *Les récits hassidiques 2*)

Querida amiga,

Como lhe disse da última vez que falamos, é verdade que recebi uma bolsa de estudos do *Integral Institute* para realizar uma pós-graduação em Psicoterapia Integral, que teve lugar em Westminster, Colorado, em Maio do ano passado. Foi, de facto, uma semana de estudos e práticas intensivas extraordinariamente *intensa*. Conheci pessoalmente alguns dos colaboradores mais próximos de Ken Wilber, incluindo, para mencionar-lhe apenas um nome, Susanne Cook-Greuter, que é, como deve saber, apenas a maior continuadora dos estudos de Jane Loevinger, sendo neste momento reconhecida como a maior autoridade mundial sobre os estádios de desenvolvimento do Eu. Curiosamente, Susanne foi não só uma das formadoras, mas participou também como membro do grupo de pós-graduação. Devo referir, aliás, que não foi caso único, sendo antes essa uma espécie de norma de conduta adoptada livremente por todos os formadores. Se me detenho neste ponto, é porque ele remete muito justamente para um dos aspectos fundamentais de uma abordagem integral do estudo da consciência, por vezes relegado para segundo plano: refiro-me à comunidade e à experiência de vida numa comunidade integral, e quero desde já dizer-lhe: a experiência de vida numa comunidade integral é um factor decisivo na potenciação individual do despertar integral da consciência (como a experiência de vida em qualquer outra espécie de comunidade destinada a outros fins o é em relação a esses fins), pois a nossa liberdade principia onde principia a liberdade dos outros, como já ensinava o filósofo francês Gilles Deleuze corrigindo o popular adágio que diz que ela, a nossa liberdade, acaba onde começa a dos outros: não, não é assim, a nossa liberdade acaba onde a liberdade dos outros acaba. Isto tem talvez alguma importância, uma vez que significa que somos limitados pelos limites dos outros com quem

convivemos e que, por consequência, a única forma de superar esses limites, experimentando o sabor estranho da liberdade, é furá-los ou abrir linhas de fuga que se expandem no espaço-tempo para além desses limites. Ora esse é justamente um dos objectivos fundamentais de uma abordagem integral do estudo da consciência, ir para além dos limites convencionais do estudo da consciência, abrir linhas de fuga ampliadoras do nosso horizonte de compreensão, dar um pouco mais de luz, um pouco mais de paixão e, para desaborrecer o tédio do conhecido, trazer um pouco mais da festa do desconhecido ao estudo da alma humana.

Lamentavelmente, Ken Wilber estava doente, e só o pude ver em dois vídeos gravados dois meses antes com o grupo de pós-graduação anterior ao nosso (creio que era o primeiro, sendo o nosso o segundo). O visionamento desses vídeos foi uma experiência muito enriquecedora: os diálogos estabelecidos entre Wilber e os membros do grupo mostram, para além do Wilber que se pode deduzir dos seus livros e do seu pensamento psicológico e filosófico, um Wilber muito dado ao sentido de humor, dado a brincar com os temas e as questões mais sérias e mais inquietantes, facto que acicatou em mim a antiga suspeita de que o riso, “a alegria da comunicação”, é a melhor resposta ao mistério que nos constitui e pelo qual perduramos.

Bom, é tempo de deixar-me de devaneios e de procurar então satisfazer o seu desejo de conhecer melhor a abordagem integral do estudo da consciência desenvolvida por Ken Wilber: farei naturalmente uma apresentação pessoal, crítica, e o mais simples possível, mas não pela redução simplificadora da complexidade do tema, e sim procurando antes tentar extrair a simplicidade da complexidade, a tarefa talvez mais urgente e mais difícil. E talvez não seja má ideia começar por tentar esclarecer os significados do termo “integral”, como já o fez Frank Visser num pequeno e saudavelmente provocatório texto que contou, além disso, com a colaboração do próprio Wilber (1). Sigamos então Visser, que começa por nos confessar que se deparou com “muitas diferentes interpretações deste termo, uma enorme fonte de confusão”, enumerando depois esses significados:

1. “a integração do **transpessoal** e do **pessoal** – a perspectiva inicial do «espectro da consciência»”: proposto há trinta anos por Wilber

(2), o modelo de «espectro global da consciência» apresenta um esquema básico de desenvolvimento que distingue três grandes estádios – o pré-pessoal, o pessoal e o transpessoal, na evolução da consciência humana; num momento histórico em que a psicologia convencional tinha como limite da sua investigação o estádio pessoal, o modelo de psicologia transpessoal proposto por Wilber foi, juntamente com o novo modelo dos “reinos do inconsciente” desenvolvido e apresentado por Stanislaf Grof (3) quase ao mesmo tempo, a primeira tentativa importante para apresentar uma teoria transpessoal do desenvolvimento do potencial humano;

2. “a integração do **individual** e do **social** – ver o contexto sócio-cultural dos fenómenos individuais”;
3. “a integração das **linhas** de desenvolvimento – cf. o ioga integral, que é uma síntese de três modos de ioga, o *jnana*, o *bhakti* e o *karma*”, o que dito de outro modo significa que uma visão integral envolve ela mesma pelo menos três tipos de práticas de conhecimento: prática de conhecimento do corpo ou linha sensório-motora, prática de conhecimento da mente ou linha conceptual e prática de conhecimento da contemplação ou linha meditativa;
4. “a integração de **teoria** e **prática** – estudar e praticar a espiritualidade, ou a política, ou a medicina ou a arte”;
5. “a integração de **diferentes teorias** no interior de um campo – cf. a psicologia integral, onde é que se encaixa cada escola de pensamento?”; o behaviorista concentra-se mais no comportamento e na acção, o cognitivista nas crenças e na cognição, o psicanalista nos afectos e na emoção, e já o humanismo, como sabe, defendia justamente uma visão integral, que procurasse discernir as relações entre acção, cognição e emoção, etc.;
6. “a integração da vida **interior** e **exterior** – reconhecer correlatos bioquímicos da consciência e até da espiritualidade”;
7. “a abordagem de **não-diferenciação** – nenhuma diferenciação, muito menos hierarquia, mas «integração»”; o próprio Visser fornece uma nota explicativa para este ponto de mais difícil compreensão, que irei tentar esclarecer um pouco por palavras minhas: não se trata aqui de negar a existência de processos de diferenciação que são complementares de processos de integração: todos os

processos de desenvolvimento são processos alternados de diferenciação e integração, num ciclo que a cada novo estágio se repete; mas uma abordagem de não-diferenciação enfatiza uma visão do mundo onde cada partícula, cada átomo, cada calhau, cada flor silvestre, cada mosquito, etc. têm um valor incalculável, pelo simples mistério de existirem;

8. “a integração de todos os **quadrantes** – seja qual for o nível em que se está” (Wilber): os quadrantes correspondem ao cruzamento de duas dimensões bipolares já referidas no ponto 2, individual-social, e no ponto 6, interior-exterior. Obtemos assim o quadrante individual-interior (superior-esquerdo), intencional ou subjectivo, o quadrante social-interior (inferior-esquerdo), cultural ou inter-subjectivo, o quadrante individual-exterior (superior-direito), comportamental ou objectivo e o quadrante social-exterior (inferior-direito), sócio-técnico ou interobjectivo (faça uma representação gráfica para visualizar melhor); e os níveis correspondem aos diferentes estádios ou ondas de desenvolvimento;
9. “a integração dos **estados** com os **estádios** no seu próprio ser” (Wilber): os estados básicos do ciclo da consciência humana estão presentes desde o nascimento e já antes, e são três: a vigília, o sonho e o sono profundo sem sonho. A investigação destes três estados é condição necessária para um conhecimento integral dos processos da consciência, sendo ainda de acrescentar os estados hipnóticos e os estados meditativos, o que perfaz cinco estados. Se nos restringirmos apenas aos três estados básicos, podemos definir para cada estádio de desenvolvimento um conjunto de tarefas que visam a integração desses três estados no espaço desenvolvimental característico de cada estágio;
10. “a integração do **vazio** e da **forma** – no Um Sabor” (Wilber): socorro-me aqui das palavras do Dalai Lama: “o vazio é a maneira como os fenómenos [formas] surgem enquanto acontecimentos dependentemente relacionados. É a interrelação.” (4) E Um Sabor é um termo proveniente, creio, do sistema Mahamudra dos estádios de meditação, e designa justamente o estado mental correspondente à percepção desse “**vazio**” tão extraordinariamente descrito nas palavras do Dalai Lama; Ken Wilber refere-se nos últimos anos

com mais insistência ao sentimento de Um Sabor, e sugere que esse estado pode, através do exercício e da prática, transformar-se em traço ou estrutura básica do desenvolvimento de si (5);

11. “a integração do **ser** e do **dever** – no *sahaj*” (Wilber): o *sahaj* é o nível de consciência daquele ou daquela que realiza a união do vazio e da forma, ao qual está associada a integração do ser e do dever; gostaria todavia de ressaltar que a integração do ser e do dever é problemática, e enquanto problema tem recebido diferentes soluções, tanto na tradição filosófica Ocidental como na Oriental. Se me permite uma opinião pessoal, eu tenho o presentimento de que uma filosofia de inspiração *sahaj* seria mais uma filosofia do dever e menos uma filosofia do ser, e é por isso que onde Wilber fala da existência de um “Espírito-em-acção” (e ele refere-se muitas vezes ao “Espírito-em-acção”), que será um conceito ao qual corresponde mais uma filosofia do ser e menos uma filosofia do dever, eu preferiria falar da existência de um “Corpo-em-acção”, próximo do conceito de potência do corpo correspondente à surpreendente pergunta de Espinoza, que advertia os seus contemporâneos para a exclusividade com que se dedicavam a estudar os problemas da consciência, da razão e do ser, ao lembrar que nós ainda não sabemos o que pode um corpo: o que pode um corpo?, tal me parece ser a pergunta decisiva de uma filosofia do dever de inspiração *sahaj*, e não: o que é um corpo?; e parece-me ainda mais desnecessário, talvez até inaceitável de um ponto de vista de uma filosofia do dever, invocar demasiadas vezes a presença de um ser sob a forma de “Espírito-em-acção”; como pode ver, temos já aqui um domínio polémico muito rico, e já agora aproveito para lhe dizer que essa – a existência de múltiplos domínios problemáticos e polémicos – é uma das características que melhor define o *sahaj*, “porque uma cópia da verdade já não é a verdade”; naturalmente, a integração do vazio e da forma constitui outro desses domínios problemáticos, e outros serão nomeados ou adivinhados por si ao longo do que segue;
12. “e para guardar o melhor para o fim – a integração de todos os pontos mencionados!”

Ao contrário do que se poderia talvez supor, penso que seria ainda possível acrescentar alguns itens a esta lista, nomeadamente:

13. a integração das pesquisas científica, filosófica e espiritual (revelando-se a última sobretudo no plano estético);
14. a integração do científico, do filosófico e do espiritual (estético) com o não-científico, o não-filosófico e o não-espiritual (não-estético); fiquemos por aqui.

É que já temos matéria suficiente para alimentar a confusão, e vamos pois agora tentar trazer alguma luz que possa ser enzima de um discernimento mais apurado. Por partes: primeiro, é preciso dizer que todos os modelos que satisfazem a alguma das condições acima enumeradas são, com maior ou menor intensidade de acordo com o número de condições satisfeitas e o modo por que são entre si relacionadas, modelos “integrais” do estudo da consciência; segundo, o modelo proposto por Ken Wilber é sem dúvida alguma o mais integral de todos os modelos integrais que conheço, o que não o torna por isso menos controverso, sendo uma das suas grandes virtudes o muito que nos dá a pensar; terceiro, o modelo proposto por Wilber é aquele que realiza uma síntese mais profunda e mais subtil entre as tradições filosóficas e científicas Orientais e Ocidentais, o que mais uma vez nos obriga a pensar, mas talvez também a fazer algo mais do que isso, talvez também sejamos obrigados a praticar alguma coisa, uma maneira de ser ou uma maneira de viver que seja mais e menos do que só uma maneira de pensar. O estudo integral da consciência exige a entrega integral do corpo e seus sentidos, da inteligência e suas faculdades, e do coração e suas antenas. O estudo integral da consciência envolve o estudo do inconsciente e do desconhecido, e é como aprender a nadar: não se aprende só pelos livros; é mesmo preciso ir a uma piscina, dar as primeiras braçadas enquanto se mete e se engole alguma água, tossir um pouco, prosseguir com a alegria de quem se vai familiarizando com um novo elemento. Isto dito, avançarei de imediato para a prometida apresentação crítica do modelo integral de Wilber. Mas aviso desde já que avançarei depressa, pois para uma apresentação mais detalhada é fácil encontrar abundante material no site de Wilber que pode encontrar no endereço www.shambhala.com. De acordo com a vulgata, o modelo de Wilber integra todos os **quadrantes**,

todos os **níveis** (ou estádios ou ondas de desenvolvimento), todas as **linhas** (ou dimensões ou correntes de desenvolvimento: sensório-motora, lúdica, interpessoal, afectiva, cognitiva, moral, espiritual, etc.), todos os **estados** (desperto, sonho, sono sem sonho) e todos os **tipos**: e por tipos entende-se os variados sistemas tipológicos de personalidade, desde a tipologia junguiana que cruza a dimensão disposicional (extroversão – introversão) com a dimensão funcional (reflexão – sentimento – percepção – intuição), ao eneagrama, etc.. Nas suas mais recentes apresentações, Wilber apresenta o seu modelo como uma visão “pós-metafísica” do estudo integral da consciência (6).

Os quadrantes: é muito útil a este respeito consultar o pequeno texto de Frank Visser “Reflections on «What is integral?»” (7). Nele, Visser apresenta sucintamente o modelo desenvolvido por Schumacher no seu célebre *A Guide for the Perplexed*, onde fala de “Os Quatro Campos de Conhecimento”, a partir do desenvolvimento de quatro perguntas fundamentais:

1. Como é que eu me sinto?
2. Como é que tu te sentes?
3. Qual é o meu aspecto?
4. Qual é o teu aspecto?

Aproximadamente, o 1º Campo corresponde ao quadrante superior-esquerdo (subjectivo) de Wilber, o 2º ao inferior-esquerdo (intersubjectivo), o 3º ao superior-direito (objectivo) e o 4º ao inferior-direito (interobjectivo). Como adverte Visser, “note que há uma diferença subtil quanto ao [Campo] 3: para Schumacher, ele significa o teu próprio aspecto individual exterior; para Wilber é o aspecto exterior de alguém ou alguma outra coisa (ele, ela, isto).

“Schumacher observa muito simplesmente:

«A primeira observação a fazer acerca destes Quatro Campos de Conhecimento é que nós temos acesso directo somente a dois deles: Campo 1 e Campo 4. Quer dizer, eu posso sentir directamente como me sinto, e posso ver directamente qual é o teu aspecto, mas como é sentir como tu, não posso sabê-lo directamente; e qual é o meu aspecto aos teus olhos, também não o sei.»

“Pessoalmente, senti que a derivação de Schumacher dos quatro quadrantes de cada experiência é mais apelativa do que a de Wilber.”

(8) Para além de concordar com Visser neste ponto, acrescentaria ainda duas ou três notas:

Primeiro – o reconhecimento dos quatro quadrantes da experiência humana é um contributo indispensável para o seu conhecimento científico integral; para lhe dar um só exemplo, o problema das relações entre o corpo, o cérebro e a mente, esse problema não pode ser devidamente estudado se não considerarmos também a sua dimensão sociológica, sócio-técnica e institucional (quadrante inferior-direito) e a sua dimensão cultural e intersubjectiva (quadrante inferior-esquerdo), porque aquilo que é “o corpo” (ou aquilo que pode um corpo...), aquilo que significa “a mente” (ou aquilo que pode uma alma...), isso é condicionado ou afectado pelas sociedades e culturas concretas em que se põe o problema, pelas suas instituições e pelos seus valores, etc.; e porque, retomando Espinoza, nós ainda não sabemos o que pode um corpo, muito embora o nosso conhecimento científico tenha avançado imenso e avance a cada momento: parece que aqui, como ocorre talvez sempre, o avanço no conhecimento científico não diminui o mistério, antes pelo contrário: amplia-o, dá-lhe contornos mais definidos, familiariza-nos com ele, se é que se pode dizer que podemos familiarizar-nos com o mistério.

Segundo – de acordo com Wilber, o quadrante superior-esquerdo representa o “*interior do individual*”, e o tipo de linguagem que lhe corresponde é uma “*eu-linguagem*”, quer dizer relatos na primeira pessoa da corrente interior de consciência: o conhecimento fenomenológico e a experiência estética têm aqui a sua morada; o quadrante superior-direito representa os “*correlatos objectivos ou exteriores*” desses estados interiores de consciência, e o tipo de linguagem que lhe corresponde é uma “*isto-linguagem*”, quer dizer relatos objectivos ou na terceira pessoa dos factos científicos sobre o organismo individual: este quadrante evidencia aspectos como “mecanismos cerebrais, neurotransmissores e as computações orgânicas que suportam a consciência”; o quadrante inferior-esquerdo representa o “*interior do colectivo*”, e o tipo de linguagem que lhe corresponde é uma “*nós-linguagem*”, quer dizer uma linguagem na segunda pessoa ou linguagem do eu-tu, a qual envolve o entendimento mútuo: é o quadrante cultural, morada dos valores, das visões do mundo, da ética e dos significados (e por falar em significa-

dos, lembremos de novo o que ensinava M. Foucault no seu *Les Mots et les Choses*: é preciso não confundir o significado das coisas com o significado das palavras. As coisas têm um significado, quer dizer têm uma razão de ser. Mas raramente a razão de ser das coisas coincide com a razão de ser das palavras, e os significados das palavras não são os significados das coisas); finalmente, o quadrante inferior-direito representa os “*correlatos objectivos ou exteriores*” do mundo cultural interior, ou os sistemas sociais concretos com suas formas institucionais, suas formações geo-políticas e suas forças e relações de produção; o tipo de linguagem que lhe corresponde é também, tal como para o quadrante superior-direito, uma “*isto-linguagem*”, porque se trata de “fenómenos objectivos” (9): creio que esta breve apresentação será suficiente para mostrar as vantagens e potencialidades da versão wilberiana dos quatro quadrantes, mas igualmente algumas das suas desvantagens ou fragilidades; por exemplo, o comportamento de alguém é por definição um aspecto do quadrante superior-esquerdo (individual exterior), mas há também um interior ou um espaço de profundidade do comportamento (10); e declarar que os fenómenos característicos do quadrante inferior-direito são “objectivos” e por isso lhes corresponde uma isto-linguagem parece, no mínimo, excessivamente simplificador ou mesmo redutor; uma instituição concreta não é apenas um “fenómeno objectivo”, é sobretudo e principalmente uma realidade viva problemática, etc., etc..

Terceiro – pelo que ficou dito até aqui, não me parece necessário nem útil ficarmos presos à versão wilberiana dos quatro quadrantes: menos do que isso não podemos ter, pois será insuficiente; mas podemos conceber outras versões, talvez melhor adaptadas à natureza particular de certos problemas ou objectos de conhecimento: penso que seria interessante, por exemplo, preferir a complementaridade pensamento-extensão à oposição interior-exterior ou subjectivo-objectivo, e preferir a complementaridade visível-invisível à oposição individual-colectivo ou individual-social: obteríamos assim um quadrante superior-esquerdo correspondente a um pensar visível (como é que eu me sinto?), sendo o quadrante superior-direito correspondente a uma extensão visível (qual é o teu aspecto?), o quadrante inferior-esquerdo correspondente a um pensar invisível (como é que tu te

sententes?) e o quadrante inferior-direito correspondente a uma extensão invisível (qual é o meu aspecto?). Note que a aproximação com as perguntas de Schumacher é apenas isso, uma aproximação; em particular, a extensão invisível referir-se-á também a conceitos e realidades como a matéria negra ou escura, os buracos negros, etc.; e o pensar invisível referir-se-á também a todos os processos inconscientes do pensamento. Mas poder-se-ia pensar ainda noutras versões dos quatro quadrantes.

Os níveis: ou ondas ou estádios de desenvolvimento, correspondentes também ao conceito de A Grande Cadeia do Ser da filosofia perene, designado também por O Grande Embrulho (*Nest*) do Ser por Wilber: numa versão comum, O Grande Embrulho do Ser é um modelo da realidade que distingue diferentes níveis no seu processo de desenvolvimento (ou de desembrulho), aos quais correspondem diferentes planos ou domínios de realidade (dimensão ontológica) e diferentes estádios ou ondas de desenvolvimento correlativas a esses planos (dimensão epistemológica e psicológica), reconhecendo-se no mínimo três níveis ou planos: corporal, mental e espiritual (dimensão ontológica) ou (consciência) grossa, subtil e causal (dimensão epistemológica), e também muitas vezes cinco níveis ou planos: matéria, corpo, mente, alma e espírito (aqui sem estabelecer a distinção entre as dimensões ontológica e epistemológica). Para bem e uso da simplicidade, Wilber refere-se habitualmente no seu modelo psicológico apenas à dimensão epistemológica do Grande Embrulho, o que, sendo aceitável, não exclui no entanto a sua dimensão ontológica da problemática de uma filosofia integral que necessariamente envolve um estudo integral da consciência.

O movimento global de Wilber pode ser aqui descrito de maneira muito simples: todo o seu trabalho é, desde o início, uma magistral tentativa para conciliar os dados provenientes das tradições de sabedoria da filosofia perene, sobretudo as Orientais, muito desenvolvidas nos pormenores descritivos dos efeitos de práticas de meditação muito sofisticadas, e os dados provenientes da pesquisa psicológica convencional, mais desenvolvida pela ciência Ocidental do séc. XX. Era já o sonho (no sentido literal) de um Wittgenstein, e em muitos aspectos outros, como Gilles Deleuze no seu período final, tiveram o mesmo

sonho. Uma das características mais marcantes do trabalho de Wilber é a quantidade extraordinária de informação que ele consegue tratar, tanto do lado das tradições de sabedoria como do lado da psicologia convencional (e não só: o seu trabalho inclui ainda imensas referências a outras disciplinas científicas, à tradição filosófica Ocidental e ao domínio da arte e estética). Desse modo, ele apresenta muito cedo o seu modelo de desenvolvimento do “espectro global da consciência”, que inclui uma descrição muito pormenorizada dos estádios transpessoais de desenvolvimento, e acaba por chegar ao modelo actual, que inclui a descrição de dezenas de linhas de desenvolvimento, todas elas descrevendo o mesmo padrão geral: do pré-convencional ao convencional ao pós-convencional ao pós-pós-convencional, ou do pré-pessoal ao pessoal ao transpessoal: do corpo à mente ao espírito, da inteligência corporal à inteligência mental à inteligência espiritual, do inconsciente ao consciente ao superconsciente. Se me permitir, recorrerei de novo a Espinoza para esclarecer um pouco melhor esta matéria, cujo discernimento mais completo exigiria talvez uma outra carta: com efeito, Espinoza distingue três tipos de conhecimento: o conhecimento do primeiro tipo ou conhecimento *inadequado*, o mais comum, aquele que é inicialmente dado a todos nós proveniente das experiências dos sentidos do corpo e suas respectivas ideias inadequadas; inadequadas na justa medida em que exprimem mais a realidade do corpo próprio do que a realidade dos corpos exteriores; o conhecimento do segundo tipo ou conhecimento *adequado*, que resulta da emergência das noções comuns, as quais exprimem um conhecimento adequado daquilo que há de comum à realidade do corpo próprio e à realidade dos corpos exteriores; e o conhecimento do terceiro tipo ou conhecimento *intuitivo*, o qual resulta, utilizando agora uma noção de S. Kierkegaard, do conhecimento “erótico imediato” da razão de ser das coisas, que exprime um inusitado movimento expansivo da consciência que combina a inteligência dos sentidos do corpo com a inteligência dos sentidos da alma, ou mais prosaicamente do casamento da inteligência com o coração.

As linhas: como sabe, querida amiga, há muitas linhas ou correntes de desenvolvimento, desde o desenvolvimento cognitivo, ao moral, ao interpessoal, ao afectivo, ao desenvolvimento de si e do eu, etc., etc..

Como vai já longa esta breve apresentação, dir-lhe-ei apenas isto: depois de observar que o processo global de desenvolvimento não segue o mesmo ritmo em todas as linhas, embora siga sempre o mesmo padrão sequencial na passagem de um estágio a outro, Wilber afirma que por essa razão, porque o ritmo de desenvolvimento das diferentes linhas é assimétrico, não se pode dizer que haja proeminência de nenhuma das linhas no processo global de desenvolvimento (11). Como deve talvez adivinhar, não posso concordar com esta afirmação de Wilber. Na tradição de Espinoza, de D. Hume e de S. Freud, para só nomear alguns dos mais próximos e ilustres, penso que o desenvolvimento da linha afectiva, o desenvolvimento da aptidão amorosa, é crucial e determinante para o desenvolvimento de todas as outras linhas, e em particular para o processo de passagem ou transição para os estádios transpessoais de desenvolvimento. Quando utilizei há pouco a fórmula “casamento da inteligência com o coração”, era justamente a este aspecto que pretendia fazer alusão: mas é claro que já deve ter pensado que esta minha expressão de aptidão amorosa está próxima daquilo a que Daniel Goleman chama inteligência emocional, e tem toda a razão. Afirmando pois que o desenvolvimento das emoções é condição indispensável para o acesso aos estádios transpessoais de desenvolvimento, e ainda que ele é factor condicionante do processo desenvolvimental em todas as outras linhas. Creio que seria interessante pesquisar experimentalmente estas hipóteses de trabalho. Penso ainda que, porque estão em relação estreita com o desenvolvimento das emoções e do afecto, o desenvolvimento lúdico (creio que nos faz falta uma teoria mais minuciosa do desenvolvimento dos estádios do jogo...) e o desenvolvimento interpessoal ou relacional serão também mais decisivos na influência que exercem sobre o processo global de desenvolvimento de todas as outras linhas. E já agora, para terminar este ponto, direi também que não está devidamente estudado o desenvolvimento da linha estética e do seu impacto sobre o desenvolvimento global. Em contrapartida, sabe-se já que o desenvolvimento da linha sensorio-motora é decisivo, e todavia investe-se muito pouco nesse aspecto. De qualquer maneira, a existência de todas estas correntes de desenvolvimento torna o processo individual de evolução um acontecimento único: todos navegam as águas do mesmo rio, mas cada um inventa o seu próprio percurso.

Os estados: para além dos estados ordinários de consciência, que incluem o estado de vigília, o sonho e o sono profundo sem sonho, o estudo integral da consciência envolve igualmente a pesquisa dos estados alterados (ou não-ordinários ou extraordinários) de consciência, como os estados hipnóticos, meditativos, os estados induzidos pelo efeito de agentes psicotrópicos, os estados resultantes de experiências-de quase-morte, etc.. Naturalmente, existe ainda uma multidão de outros estados mais particulares, como o estado depressivo, o estado de alegria, etc.. Todos eles devem ser considerados numa abordagem integral ao estudo da consciência. Não será necessário dizer-lhe que a psicologia convencional tem concentrado quase exclusivamente a sua atenção na investigação do estado de vigília, o que é, como se pode ver, manifestamente insuficiente. É preciso investigar melhor o sonho (apesar de Freud e alguns poucos mais), o sono profundo sem sonho, e também a hipnose e a meditação: são terrenos quase virgens.

Os tipos: referem-se a diferenças horizontais: em cada nível ou onda é possível encontrar diferentes tipos, sendo as tipologias que já referi antes algumas das que se poderão revelar mais úteis para aprofundar o conhecimento das variadas possibilidades de adaptação à navegação das diferentes ondas e correntes de desenvolvimento em função da estrutura do carácter ou personalidade. Esse conhecimento é também um valioso instrumento no processo de intervenção psicoterapêutica, pois determinados tipos adaptam-se melhor a determinadas estratégias de intervenção, e com outros tipos obtêm-se melhores resultados aplicando outras estratégias. A existência de diferentes tipos psicológicos só vem reforçar a ideia de que a maneira de navegar as águas do Grande Rio da vida é infinitamente variável, o que faz do projecto do estudo integral da consciência uma empresa verdadeiramente grandiosa.

Penso, querida amiga, que já cumpri minimamente o prometido: fico agora à espera da sua resposta. Porque o estudo integral da consciência é também isso: uma eterna conversa inacabada entre um eu e um tu, a relação em vez da coisificação e da alienação, e porque aquilo que é mais importante é invisível, e só através da relação de conhecimento amorosa se deixa vislumbrar.

NOTAS

- 1) Frank Visser, *Meanings of "Integral"*, 2003, disponível em www.integralworld.net.
- 2) Ken Wilber, *The Spectrum of Consciousness*, Quest Books, 1977.
- 3) Stanislav Grof, *Realms of the Human Unconscious – observations from L.S.D. research*, Souvenir Press, 1975.
- 4) Daniel Goleman, *Emoções que Curam – conversas com o Dalai Lama*, Rocco, 2000, p. 166.
- 5) Veja, e.g., Ken Wilber, *One Taste – Daily Reflections on Integral Spirituality*, Shambhala, 2000.
- 6) Ken Wilber, *On the Nature of a Post-Metaphysical Spirituality*, 2001, disponível em www.shambhala.com.
- 7) Frank Visser, *Reflections on "What is Integral?"*, 2004, disponível em www.integralworld.net.
- 8) idem.
- 9) Ken Wilber, *Integral Psychology – Consciousness, Spirit, Psychology, Therapy*, Shambhala, 2000, p. 62-64.
- 10) Veja, e.g., Mark Edwards, *The Depth of the Exteriors – Part I,II,III*, disponível em www.integralworld.net.
- 11) Wilber, *Integral Psychology...*, p.23.